

crônica de

BRASILIA

CLEMENTE LUZ



O VALENTÃO

A gente não acredita... Eu pelo menos, teimo em não acreditar neles, pois me considero forte de alma e de corpo, livre dos complexos, os mais íntimos, e das crendices, as mais comuns. Mas, como afirmam os espanhóis, a gente não crê, mas que eles existem, lá isso existem!

São os fantasmas, doces ou terríficos fantasmas, que nos acompanham na vida, dormem conosco ou fazem, a nosso lado, como sombras silenciosas, a nossa viagem. Principalmente, a nossa viagem noturna ou de fim de tarde, quando as coisas na natureza se confundem no lusco-fusco do começo da noite.

A gente não acredita, mas que eles existem, isso existem! São vários, mansos e às vezes, turbulentos, outras, os nossos fantasmas domésticos, pessoais e intransferíveis.

Um amigo dono de fazenda em Cristalina, na estrada Brasília-Belo Horizonte, tem arrogâncias de gaúcho em alma e sentimentos de mineiro: brada aos céus que é ateu, graças a Deus, e grita em terra, que não tem medo de nada, nem de bichos, nem de almas do outro mundo, nem de gente. Um pouco dado à bebida, gosta de discutir, pelo simples prazer de discutir, quando está naquela fase neutra de quem bebe: nem bom, nem bêbado. É quando faz praça de valente de corpo e de alma, e anuncia a sua total descrença e a sua grande coragem.

Com todos nós, entretanto, acontece o imprevisto. Ou, melhor dizendo, chega o dia da aferição de valores.

Certo sábado, o fazendeiro bebeu um pouco mais do que o necessário. E desde às 15h00, ainda no bar, começou, como era de hábito, a procurar companhia para a viagem de regresso à fazenda. Embora valente e corajoso, habitualmente procurava quem o acompanhava na marcha de 180 km. Sempre arranjava companheiro, entre os da roda de pinga e chope. Mas virava uma fúria desatada, quando alguém insinuava que ele tinha medo de viajar sozinho...

Nesse sábado, por diversas e variadas razões, nenhum dos companheiros podia viajar.

Desarvorado, tentou, inclusive, convencer o garçom a ir com ele, mas o Sizenandes, baiano de boa cepa, afilhado de Xangô, não podia sair, pois o patrão não lhe dispensava os serviços.

O valente amigo telefonou, telefonou, deitou falação através do fio, inutilmente. Todos os conhecidos, àquela hora da tarde, ou já tinham programas para o domingo, ou não sentiam disposição para a viagem.

— Até que a fazenda oferecia conforto, atrações: era um bom programa!

Finalmente, a noite chegou e, com ela, a necessidade imperiosa do regresso.

Contrafeito, a cara suficientemente cheia de bebida, lá se foi, em seu velho carro, o fazendeiro de Cristalina...

Dias depois, a esposa, cheia de bom senso, que nunca alardeou descrença, anunciava aos amigos!

— Ele não viajou sozinho.. ou o anjo da guarda ou o anjo torto viajou com ele, sentado no banco da frente...

E explica:

— O Juca chegou em casa com cada olho, do tamanho de uma bola de bilhar! Nem respirava direito, enquanto me dizia que desde Luziânia, onde tentou, ainda uma vez arranjar companhia, sentiu que alguém viajava ao seu lado. Tinha a impressão de ouvir a respiração da "companhia" e, sem coragem de olhar, para conferir, esperava, a qualquer instante, a palavra do estranho companheiro.

A l g u é m i n d a g o u , maldosamente:

— E o Juca, continua com o rompante de valente?

— Sei lá, respondeu a esposa. Mas garantiu que nunca mais viajará sozinho à noite!...